

PREÂMBULO

*Aquele que sabe, e sabe que ele é: é sábio. Que ele seja seguido.
Apenas pela presença dele o homem pode ser transformado.
(Recital Sarmouni)*

Devo a Frank Barron a idéia do subtítulo do livro, e prevejo que meus leitores considerarão óbvia sua propriedade, embora seu espírito não tenha sido o de concentrar-se em questões controversas. Tenho explorado muitas escolas de forma imparcial, e creio que minha contribuição mais específica encerra uma natureza integrativa. A visão que apresento em todos os capítulos do livro poderia ser chamada tanto de cognitiva quanto de psicodinâmica, sendo também uma perspectiva na qual a personalidade é encarada como um sistema de traços. Creio que só podemos separar artificialmente as características das causas e das maneiras de ver as coisas¹, assim como também considero artificial separar uma visão de aprendizado social dessas características de uma visão relacionada com o objeto que considere a internalização da figura dos pais e dos primeiros sentimentos com relação a eles.

Além de constituir uma exploração clínica do mesmo campo geralmente investigado pelos teóricos da personalidade que abraçam a abordagem matemática bem como a exploração psicodinâmica das características da personalidade e suas interconexões, e além de incluir uma reflexão sobre as orientações do caráter como estilos de defesa e estilos de avaliação que estão ligados a ilusões particulares relacionadas com a realização, a interpretação que apresento aqui também pode ser chamada de uma visão transpessoal ou espiritual do caráter e da neurose ou, alternativamente, uma visão existencial – considerando que ela equipara (como será visto) o obscurecimento espiritual com a perda do ser.

Talvez seja interessante, tendo em vista a ambição de uma síntese tão abrangente, declarar que a perspectiva destas páginas não surgiu como uma consequência de um propósito ambicioso, tendo sido, ao contrário, resultado de uma integração espontânea das concepções com as quais eu me familiarizei no decorrer da minha aventura intelectual pessoal na pesquisa da personalidade, durante minha exposição a uma influência externa à psicologia acadêmica. Em retrospecto, posso ver que as questões da personalidade e dos tipos humanos constituíra, um contínuo caso amoroso durante os últimos vinte anos da minha vida, e nisso um elemento vocacional parece ter convergido com um elemento do destino – mais surpreendente devido ao fato de que depois de eu ter abandonado o campo ele parece ter me arrastado novamente para ele, por trás, por assim dizer, sem uma intenção deliberada da minha parte, como consequência da maturação espontânea de um entendimento derivado da influência ativa de um mestre sufista da chamada tradição do “Quarto Caminho”.

Desde o início dos meus estudos psicológicos, interessei-me profundamente pelos tipos humanos. Embora meu interesse original de me tornar um estudante de medicina fosse puramente científico e tenha sido a descoberta de Jung que me levou a permanecer na área quando fiquei desapontado com a pesquisa da sabedoria através da neurofisiologia, meu verdadeiro mergulho nas esferas da psicoterapia e da psicologia ocorreu um ano

¹ Embora eu às vezes enfatize o comportamental, o cognitivo ou o afetivo, um ponto de vista implícito, no sentido de que cada característica de comportamento está associada a um aspecto cognitivo e um aspecto motivacional, permeará este livro.

depois, quando ingressei no curso de psiquiatria de Ignacio Matte-Blanco. Matte-Blanco² - fundador do Instituto Psicanalítico de Santiago e diretor da Clínica Psiquiátrica de orientação psicanalítica da Universidade do Chile – era um homem de vastos interesses a quem preciso agradecer não apenas por uma inspiradora educação psicanalítica, mas também por ter me posto em contato com a psiquiatria existencial e, o que não é menos pertinente a este livro, por ter me apresentado intimamente às idéias e à pesquisa de William Sheldon. Tanto nesta quanto em outras questões, seu interesse pessoal estava em sintonia com o trabalho realizado na Clínica, onde não apenas todos falavam de Sheldon, como também os pacientes eram do tipo somático.

A idéia de Sheldon de que três dimensões do temperamento humano estão intimamente relacionadas com as estruturas do corpo que derivam das três camadas originais do embrião humano exerceu um profundo impacto na maneira como eu interpretava as coisas naquela ocasião. Essa foi para mim a época de explorar as triplicidades e as trindades. A inspiração para esse meu interesse particular de toda uma vida foi o impacto simultâneo de Gurdjieff, iniciado de uma escola esotérica pouco conhecida, cujo pensamento foi originalmente divulgado através de um jornalista russo, Ouspensky³, e Totila Albert, artista chileno-alemão de grande erudição. Enquanto Gurdjieff (fundador do Instituto para o Desenvolvimento Harmonioso do Homem) falava da “Lei de Três” – um princípio cósmico segundo o qual é possível distinguir uma força neutralizadora em todos os tipos de fenômenos no processo de vir a ser – Totila Albert visualizava o Pai, a Mãe e o Filho como “três componentes” no ser humano e no cosmo, e procurava avisar seus contemporâneos da perigosa obsolescência da nossa sociedade patriarcal.

Considerando a marca de uma verdade profundamente vivida tanto nas declarações de Gurdjieff quanto nas de Totila Albert, foi natural para mim sentir-me atraído pela visão de Sheldon; porque assim como as noções transmitidas pelos dois primeiros – procedentes da tradição e da revelação pessoal, respectivamente – pareciam se legitimar reciprocamente, também essa formação visionária conjunta parecia legitimar e ser legitimada, por sua vez, pelas descobertas científicas de Sheldon. Além disso, a coerência entre as descobertas de Sheldon e a visão de Totila incluía o fato de que as declarações de Totila Albert incluíam a prefiguração das três camadas do embrião como a expressão biológica dos “Componentes” ou “Princípios” universais.

“O óvulo fecundado já contém seus três componentes numa forma latente. No revestimento externo, o ectoderma, que dá origem à pele, aos órgãos sensoriais do sistema nervoso central e estabelece o elo com o macrocosmo, podemos encontrar o princípio paterno. No revestimento interno, o endoderma, a partir do qual se desenvolvem a maioria dos órgãos internos e que constitui o elo com a terra, encontramos o princípio materno. Na camada do meio, o mesoderma, que é constituído por um revestimento voltado para o ectoderma e o outro voltado para o endoderma, do qual procederá o futuro sistema de sustentação (o esqueleto), o sistema de ação (os músculos), a fonte dos impulsos e da

² Que migrou no início da ditadura chilena e se tornou internacionalmente respeitado, tanto por seu ensinamento psicanalítico quanto por seu trabalho inovador na lógica simbólica do pensamento esquizofrênico.

³ Ouspensky, P. D., *In Search of the Miraculous* (Nova York: Harcourt, Brace & World, 1949). (Publicado em português pela Editora Pensamento com o título *Fragmentos de Um Ensino Desconhecido*, Nota da Trad.)

circulação (o coração), a responsabilidade pela preservação da espécie (tecido generativo), encontramos o princípio do filho.”⁴

Na qualidade de admirador de Sheldon, eu não poderia deixar de me preocupar com o fato de que, depois da publicação de *The Varieties of Temperament* de Sheldon,⁵ houve críticas relacionadas tanto com erros aritméticos quanto com a metodologia. No que diz respeito a essa última, alguns achavam que a análise dos fatores teria sido um método mais apropriado para lidar com esses dados do que a técnica anterior da análise de grupos utilizada por Sheldon. Não será difícil compreender que passei a estudar a análise de fatores e a ler avidamente a pesquisa realizada pelos dois principais entendidos em suas aplicações à pesquisa da personalidade da época – Hans Eysenk da Inglaterra e Raymond Cattell dos EUA. A grande divergência entre as respostas dos dois relacionadas com as dimensões subjacentes da personalidade representou um estímulo adicional para o prosseguimento das investigações. Os resultados de Eysenk pareciam excessivamente simples pois, segundo ele, a personalidade poderia ser descrita em função de apenas três variáveis: a inteligência, o neuroticismo e a extroversão/introversão. Não havia espaço aqui para a distinção de Sheldon entre uma extroversão ativa e uma extroversão emocional (ou expressiva), que parecia tão verdadeira para a vida. Cattell, por outro lado, extraiu 16 fatores da análise do material do questionário, e tinha-se a impressão de que eles poderiam ter sido 15 ou 18, visto que seu conjunto carecia de uma coerência intrínseca que poderia ser comparada à elegância da matemática.

Aconteceu que meu interesse num envolvimento mais ativo na pesquisa da personalidade coincidiu com um período de desconforto como aprendiz da psicoterapia psicanalítica (quando senti que o que eu era capaz de oferecer não ia ao encontro das necessidades e elevadas expectativas dos meus clientes) e coincidiu também com uma disponibilidade de ajuda de pesquisa sob a forma de alunos de psicologia interessados em realizar projetos sob minha orientação na época determinada para suas dissertações. Como meu compromisso com o Institute of Medical Anthropology na época envolvia a obrigação de estudar o processo de desumanização que se tornara claro como um aspecto da “educação” médica, o que envolvia, por sua vez, o desenvolvimento de instrumentos adequados de teste, isso também contribuiu para uma mudança profissional de tempo parcial.

A oportunidade de vir para os Estados Unidos em 1962 quando a necessidade de que eu acompanhasse minha mãe a uma consulta com um oftalmologista cirurgião foi gentilmente considerada pela Universidade do Chile como uma ocasião de me conferir uma curta missão e as visitas que fiz a Harvard e à Universidade de Ohio em Columbus (relacionadas com descobertas no campo do treinamento da percepção) aguçaram meu apetite por uma peregrinação acadêmica mais extensa – a qual, posteriormente, tive a sorte de ser capaz de realizar.

Uma bolsa de estudos Fulbright, em 1963, possibilitou que eu passasse mais do que meio ano na Universidade de Harvard novamente como aluno de Gordon Allport, David McClelland e outros. Mais especialmente, eu era um “bolsista visitante” no Centro de Estudos da Personalidade, onde a herança de Henry Murray era forte, e conhecer murray

⁴ Citações de Totila Albert extraídas de um original não publicado. Um relato mais extenso pode ser encontrado em Cláudio Naranjo, *The Agony of the Patriarchal Order* (Berkeley: Dharma Enterprises, 1994).

⁵ Sheldon, W. H., e S. S. Stevens, *The Varieties of Temperament: A Psychology of Constitutional Differences* (Nova York: Harper & Brothers, 1942).

em pessoa foi certamente um incentivo adicional para que eu ficasse familiarizado com suas contribuições.

Permaneci durante os meses seguintes (como originalmente planejado) com o Dr. Raymond B. Cattell na Universidade de Illinois em Urbana. Eu vinha me correspondendo há algum tempo com o Dr. Cattell (desde que eu lhe fizera uma consulta a respeito da refatoração do 16PF na América do Sul) e fora uma espécie de discípulo dele a distância, mesmo antes de vir a estabelecer contato com ele por correspondência – uma vez que depois de ler seu livro sobre a análise dos fatores me vi absorvido por ele como um fanático religioso em busca de um entendimento mais profundo da mente através da estatística. Estive muito ocupado nos meses que passei em Urbana, aprendendo, pensando sobre minha pesquisa e visitando pessoas como os DRS. Osgood e Mowrer. Antes de partir, aceitei o convite do Dr. Cattell para que me tornasse sócio do seu empreendimento particular, o IPAT (Institute of Personality and Ability Testing), na qualidade de representante na América do Sul. Isso parecia um complemento adequado para o trabalho que eu estivera realizando por conta própria até então, embora ele tenha gerado poucas novidades porque eu me apaixonei pela Califórnia pouco depois. Isso aconteceu em decorrência de uma carta convite do Dr. Frank Barron, na época no campus de Berkeley, quando minha estada em Harvard se aproximava do fim.

Eu conhecera o Dr. Frank Barron na primeira vez em que cruzei a porta do Centro de Estudos da Personalidade, no campus de Harvard, durante minha viagem anterior aos EUA, quando eu iniciava minha breve visita acadêmica e ele estava atuando como substituto de Gordon Allport, que estava na época de licença. Eu estava familiarizado com o trabalho de Barron sobre a criatividade e até usara uma adaptação do seu teste de simplicidade/complexidade (do qual eu ouvira falar através da *Scientific American*), de modo que quando vi o nome dele na placa em frente à porta de entrada, indaguei sobre a possibilidade de uma visita. Um *rapport* imediato e a descoberta de muitas áreas de afinidade iriam amadurecer e se transformar numa amizade que foi um fator que fundamentou tanto seu convite para que eu passasse algum tempo no Institute of Personality Assessment and Research em Berkeley antes de voltar para o Chile quanto minha resolução verdadeiramente profética de aceitá-lo.

Mas Berkeley não seria apenas mais uma aventura acadêmica: apaixonei-me pelo lugar e sua atmosfera, e decidi que um dia voltaria lá. Tive a oportunidade de fazer isso cerca de uma no depois como um bolsista Guggenheim, e uma vez mais o IPAR abriu suas portas para mim, dessa feita como Pesquisador Adjunto.

Embora minha estada no IPAR durante a época em que era um bolsista Guggenheim (de 1965 a 1966) fosse o final de uma longa peregrinação acadêmica, minha busca da verdade nunca fora completamente intelectual e a sede de uma resposta mais experiencial talvez não pudesse deixar de ser estimulada quando se visitava o estado Alterado da Califórnia no início da década de 60.⁶ Particularmente relevante entre as influências provenientes da esfera da “revolução da consciência” (inicialmente personificada na esfera da psicologia pelo movimento humanista) foi a de Fritz Perls – fundador da Terapia Gestalt e discípulo de Karen Horney – que insistia em chamar sua abordagem de holística e existencial. Apesar de ser principalmente um fenomenologista clínico com uma inclinação bastante antiteórica (na ocasião), obtive muito entendimento a

⁶ Estou tomando emprestado o termo do dr. Roland Fischer, antigo editor do *Journal of Altered States of Consciousness*.

partir da impressão da sua estimulante presença. De modo semelhante, eu poderia dizer que meu pensamento é existencial na medida em que minha prática clínica tem sido implicitamente existencial em consequência da maneira como eu fui mais significativamente ajudado.

Preciso fazer uma menção especial a Horney, uma vez que a terapia horneyana foi a que mais influenciou tanto minha cura antes da gestalt quanto minha maneira de praticar a psicoterapia (também antes da gestalt). Ela chegou a mim através de Hector Fernandez, Provost, de quem eu fui um primeiro sujeito de experiência na questão de uma auto-análise supervisionada e sistemática que foi mais significativa do que minha análise kleiniana anterior no Instituto Psicanalítico do Chile. Alguns anos antes do nosso encontro, Hector Fernandez havia passado por um processo de profunda mudança – processo esse que ele chamou de “auto-análise” mas que poderia ser visto como tendo sido, num grau considerável, espontâneo e inspirado. Como Horney fora para ele o catalizador, ele se tornou um apóstolo de Horney que lucidamente estendeu-se sobre as idéias dela enquanto fazia comentários sobre os contínuos periódicos de um grupo de cerca de dez de nós no final da década de 50.

Posso dizer a meu respeito algo que nunca ouvi ninguém dizer: Karen Horney é minha escritora predileta de livros de psicologia. É verdade que Freud foi um profeta, um agente de mudança sociocultural de grande magnitude; no entanto, ele, que brilhou durante anos no meu céu intelectual como uma figura paterna, é alguém cujas obras não consigo ler hoje em dia sem algum embaraço. Perls escreveu que “de Fenichel obtive confusão; de Reich, desfaçatez; de Horney, envolvimento humano sem terminologia”.⁷

Creio que o fato de Horney ter a simplicidade fala algo da sua grandeza sutil e certamente não grandiosa. Estou feliz por ver, agora que a psicanálise está revendo algumas de suas opiniões anteriores, que ela está começando, até certo ponto, a ser novamente lembrada, mas acho que o verdadeiro valor do trabalho dela ainda está por ser descoberto. Ao chamar atenção para ela com a dedicatória deste livro, não apenas quero mencioná-la de um modo geral, como também reconhecera extensão com que ela fez uma aparição espontânea nas páginas deste livro. Mas continuando minha história: chegou finalmente o dia, em 1969, em que o buscador experimental dentro de mim teve precedência sobre o investigador intelectual. Quando eu me preparava para empreender a peregrinação da minha vida, me senti levado a compartilhar sob a forma de vários livros o que eu havia aprendido até então,⁸ mas não me senti inclinado a fazer nenhuma declaração a respeito do meu trabalho sobre a personalidade ou os tipos humanos. Minha procura nessa área parecia naquele momento infrutífera.

Imagino que meus leitores ficarão surpresos se eu disser neste ponto que, apesar do vasto currículo acima descrito, a principal influência deste livro não procede de nenhuma das fontes até aqui mencionadas. Ela se origina, ao contrário, de onde eu menos esperava: de alguém que inicialmente me foi referido como um mestre sufista e em cuja orientação experimental eu fiquei suficientemente interessado a ponto de deixar minha vida acadêmica para trás – parecendo, na época, talvez para sempre.

⁷ Perls, Fritz, *In and Out the Garbage Pail* (Nova York: Bantam Books, 1969).

⁸ Escrevi *The One Quest, The Psychology of Meditation* and *The Healing Journey*, que foram publicados na década de 70. Publiquei recentemente *Gestalt Therapy: The Attitude and Practice of an Atheoretical Experientialism* (Nevada City, CA: Gateways Books, 1993) e meu livro *The Divine Child and the Hero* está sendo preparado agora.

Devo interpolar aqui em prol do contexto que, a semelhança de muitos que foram profundamente afetados pela herança de Gurdjieff, eu ficara desapontado com a extensão com que a escola de Gurdjieff transmitia uma linhagem viva. Em minha busca eu me voltara na direção do sufismo e me tornara parte de um grupo sob a orientação de Idries Shah na época em que amigos de meu país natal me convidaram para conhecer um mestre espiritual mergulhado nas origens daquele “cristianismo esotérico” que Gurdjieff chamava de o “Quarto Caminho”. Eles me escreveram sobre suas experiências depois de terem conhecido Oscar Ichazo e sugeriram que eu o conhecesse durante uma de minhas visitas intermitentes. Segui o conselho deles, e fiquei entusiasmado ao encontrar alguém que se declarava, como Gurdjieff, um emissário da escola específica na qual minha busca estivera concentrada nos anos anteriores, a escola a respeito da qual Gurdjieff escreveu no final de *Encontros com Homens Notáveis* e Roy Davidson⁹ escreveu em seu relatório de viagem a uma comunidade Sarmoun no Kush indiano. Guardo para uma posterior autobiografia a história do meu aprendizado particular a partir de então, e mencionarei aqui apenas o que é mais relevante para o tema deste livro: durante uma série de palestras abertas patrocinadas pela Associação Chilena de Psicologia, então sob a direção do meu amigo e antigo supervisor Hector Fernandez, ouvi Ichazo apresentar uma idéia da personalidade que parecia congruente com a de Gurdjieff, mas cujos detalhes iam além dela.

Durante essas palestras sobre o que ele chamou de “protoanálise”, Ichazo acatou o pedido do Dr. Fernandez de que ele fizesse uma demonstração prática do método. Ele entrevistou os pacientes do Dr. Fernandez durante alguns minutos e apresentou um relatório de tal modo preciso que ficamos impressionados, embora não conseguíssemos compreender, contudo, a brusca transição entre o breve interrogatório de Ichazo e suas elaboradas percepções. Parece-me agora que se meu contato com Ichazo tivesse se rompido nesse ponto, eu nunca teria aprendido a fazer a mesma coisa através de um aguçamento da intuição caracterológica e das informações caracterológicas. Adquiri esta habilidade quase um ano depois, principalmente como um subproduto da experiência profundamente transformadora pela qual passei quando voltei ao Chile para um longo retiro sob a orientação de Ichazo em Arica.¹⁰

Embora nenhuma outra teoria fosse apresentada durante o período de tempo passado em Arica durante a segunda metade da década de 70, o conhecimento íntimo de mais de quarenta companheiros certamente contribuiu para o fato de que, no final de um retiro solitário profundamente transformador inserido durante esse período, eu me tornei de repente capaz de perceber a estrutura da personalidade dos outros como um bom caricaturista percebe os traços essenciais das feições de uma pessoa. É a esse despertar de um “olho clínico” que devo tudo o que fui capaz de aprender a partir de então a respeito dos tipos de personalidade e sobre a personalidade em geral, bem como a experiência intelectual de uma crescente coalescência das informações sobre o assunto que adquiri. Eu poderia dizer que o eneagrama do Sarmouni¹¹ atuou como um ímã na minha mente que reuniu as partes do conhecimento psicológico que, até então, estavam separadas, um fator

⁹ Davidson, Roy Weaver, em *Documents on Contemporary Dervish Communities* (Londres: Society for Organising Unified Research in Cultural Education, 1966).

¹⁰ Este convite pessoal para que eu me unisse a Ichazo em Arica estendeu-se com o tempo, segundo minha sugestão, e incluiu alguns amigos e se estendeu mais ainda, pouco a pouco, até que mais de quarenta americanos se juntaram a mim, um grupo que, por sua vez, daria origem ao Arica Institute.

¹¹ Mais informações sobre a tradição Sarmoun ou Sarman podem ser encontradas em *Masters of Wisdom*, de J. G. Bennett.

catalisador e organizador que fez com que o caos relativo das informações adquirisse um padrão mais preciso.¹²

Quando meu período de peregrinação em Arica cedeu lugar a uma época de intenso envolvimento em uma combinação de terapia, ensinamento e orientação espiritual que teve início para mim em 1971, foi apenas natural que eu procurasse incorporar minha formação anterior ao recente aprendizado. No contexto de o que poderia ser chamado de grupo de meditação e psicoterapia, tive a ocasião de descobrir como as idéias centrais da protoanálise e, mais especificamente, sua caracterologia nôdupla, serviram como um primeiro ponto de cristalização espontânea para interpretações anteriores, bem como para um estabelecimento gradual de associações entre minhas antigas observações (à luz da protoanálise) e as observações clássicas típicas da literatura psicológica.¹³

Mais tarde, o trabalho com um grupo que se tornou o início do SAT Institute, na Califórnia, representou uma oportunidade mais prolongada tanto para observar o caráter quanto para estabelecer a ponte entre a perspectiva do “Quarto caminho” e a psicologia acadêmica. Considerando o sigilo com o qual essas idéias psicológicas estavam sendo apresentadas por Ichazo depois do meu envolvimento com ele, também fiz desse sigilo uma exigência para a admissão dos grupos nos quais eu ensinava – quer diretamente, quer através de representantes – na década que se seguiu a 1970. por não considerar que um acordo verbal representasse uma obrigação suficiente, cheguei ao ponto de exigir de cada participante um contrato por escrito, no qual um dos itens fazia referência ao compromisso de não revelar algumas das idéias e práticas espirituais ensinadas do SAT. No final da década de 70, contudo, vários daqueles que haviam se comprometido a guardar para si esses ensinamentos e fazer apenas implicitamente referência a essa visão em seu trabalho começaram a oferecer “Cursos de Eneagrama”, inicialmente na região de Berkeley, e depois em outros lugares.

Da mesma maneira como a divulgação dos cursos de eneagrama foi um estímulo para que eu começasse a pensar em publicar minhas observações, a publicação do primeiro livro sobre o assunto fez com que minha intenção se tornasse definitiva. Como no caso de diversas dissertações de doutorado e de anotações de cursos de eneagrama que já haviam caído nas minhas mãos, o conteúdo essencial desse livro inspirou meu ensinamento em 1972, mas havia muita coisa nele com que eu não concordava. Além disso, eu achava que era de mau gosto que seus autores tivessem tomado a iniciativa de publicar algo que teria pouco interesse para seus leitores e editores sem seu componente original. Depois que este preâmbulo foi escrito, muitos livros populares sobre os tipos do eneagrama apareceram no mercado, e apresentei apenas uma amostra dos mais importantes: o de Palmer, o de Riso e o de Molina. Considero o de Palmer o mais informativo, embora eu esperasse uma maior contribuição original; o de Riso é mais original porém menos preciso, e discordo de muitas de suas declarações; a inclinação axiológica de Molina representou, na minha opinião, a contribuição mais substancial, e ele oferece uma leitura mais gratificante do que a dos outros autores que escreveram sobre o assunto. Discordo, contudo, da afirmação dele de

¹² Não fornece a descrição dos tipos de caráter, mas apenas o diagnóstico e os conceitos relatados por Lilly e Hart (no *Transpersonal Psychologies*, de Tart).

¹³ Assim por exemplo, reconhecer que tanto a orientação para o mercado quanto a personalidade rotulada de narcisista por Lowen me permitem perceber que os dois autores estão empregando um vocabulário diferente e realçando aspectos distintos do mesmo caráter. É extraordinário observar que Horney também atribuiu a mesma conotação à palavra “narcisista”. Apesar da amizade e afinidade existente entre ambos, Fromm e Horney não parecem ter compreendido que estavam falando a respeito da mesma coisa.

que os tipos de ego são totalmente constitucionais e que os estados relacionados com os instintos são apenas complicações patológicas. Assim como discordei da liberdade que alguns de meus ex-alunos tomaram ao oferecer cursos de eneagrama fora do contexto do SAT (independentemente das justificativas que eles possam ter tido para fazê-lo), também me senti crítico com relação à liberdade que os primeiros popularizadores tomaram ao publicar um material que faz parte de um corpo de entendimento mais abrangente e que nem Ichazo nem eu optamos por tornar público.

Posso apenas esperar que chagará a ocasião em que possa ser dito a respeito da ansiedade de ensinar e publicar dessas pessoas que “o diabo não sabe para quem trabalha” – como costumava dizer Oscar. Porque é fácil imaginar que, considerando retrospectivamente, podemos vir a admirar a habilidade artística através da qual a providência divina criou, a partir da animação deles, um movimento de eneagrama suficientemente importante para atrair o interesse de um sistema excessivamente conservador, para o qual a sabedoria esotérica e coisas como o eneagrama são suspeitas e até condenáveis.

Desde a divulgação dos eneagramas da personalidade, e desde que o Arica Institute anunciou seminários sobre psicanálise para o público em geral, voltei a dedicar-me ao ensino, aperfeiçoando a aplicação das idéias apresentadas por Ichazo – não apenas em relação aos estágios analíticos, como também aos de modificação do comportamento – desta feita no mundo latino. No decorrer desses anos de experiência recebi uma confirmação cada vez maior da visão tradicional, no sentido de que, com efeito, as interpretações sugeridas por esse mapa do "Quarto Caminho" são objetivamente as principais para as pessoas de cada tipo de caráter. Ao mesmo tempo, não quero desconsiderar o fato de que o processo de favorecer o *insight* é artístico, e nele o terapeuta ou o guia intuitivo não fala de acordo com as regras, e sim a partir de uma percepção direta da aberração. O processo do *insight* não é, é claro, um processo no qual passamos a aceitar um rótulo ou no qual passamos a saber algo específico a respeito da psique de uma pessoa, mas sim o processo de passarmos *realmente* a conhecer alguma coisa – o que significa conhecê-la a maior parte do tempo e de uma maneira coerente com o resto do nosso conhecimento. No entanto quando trabalhamos com um indivíduo específico, efetivamente encontramos uma faceta específica da personalidade em primeiro plano, em meio à sua estrutura universalmente compartilhada. A asserção geral de que o reconhecimento de uma paixão dominante possui um grande poder terapêutico se repete na minha experiência, que me diz que, embora as interpretações alternativas possam ser igualmente verdadeiras, é *particularmente* importante aceitar e considerar as interpretações orientadas de acordo com uma percepção da paixão dominante e da fixação dominante.

Enquanto Gurdjieff explorou sua injunção ao *insight* e sua magistral confrontação, e Ichazo trabalhou com o diagnóstico autorizado (ou talvez autoritário), eu enfatizei cada vez mais, em todo o meu trabalho, a facilitação de um processo de autodiagnóstico apoiado por um bom entendimento da tipologia. Enquanto escrevia os nove capítulos que formam o corpo principal deste livro, eu os imaginei, entre outras coisas, como uma base para o autodiagnóstico, e tenho como certo que a autopercepção obtida do reconhecimento intermitente desse fato terá uma consequência terapêutica.

O que me levou objetivamente a escrever o livro foi o fato de minha amiga Marta Huepe ter me concedido seu tempo integral durante suas férias de verão nos meses de janeiro e fevereiro de 1988. Além de ela ser uma anfitriã maravilhosa em sua bela propriedade campestre em El Arrayan (Santiago, Chile), seu profundo interesse no assunto

e sua empática participação fizeram dela uma ouvinte ideal enquanto eu ditava os cassetes que ela a seguir transcrevia.

Embora a tarefa de empacotar meus documentos e anotações para a jornada de escrita no Chile em 1988 já tenha, por si só, constituído um incentivo para a formulação de um esboço do livro, essa delineação original rapidamente se transformou num esboço que emergiu espontaneamente enquanto eu ditava as palavras tendo apenas a estrutura global permanecido. O livro começa com uma visão teórica geral. Nove capítulos sucessivos lidam com nove diferentes estruturas de carácter, nenhuma das quais é nova para a psicologia, mas cada uma é apresentada sob uma nova perspectiva: como uma "especialização da psique" em uma de nove possíveis direcções, de acordo com a ênfase de uma ou outra entre disposições motivacionais interrelacionadas. O último capítulo contém sugestões para um posterior trabalho com o material apresentado.

Embora eu esperasse originalmente recorrer principalmente a recordações para a ilustração dos tipos de carácter que são o cerne de nove dos capítulos do livro, eu me vali, em vez disso, de descrições clássicas do carácter, e também empreendi uma revisão das principais fontes médicas e psicológicas. Entre esses, eu não apenas incluí as percepções de psiquiatras e psicólogos clínicos, como também algumas de homeopatas. Sem desejar me pronunciar a favor ou contra a validade do tratamento homeopático, do qual não tenho nenhuma experiência, quis incluir as ricas descrições de tipos humanos que fazem parte do conhecimento homeopático e que se aproximam bem de perto dos tipos de carácter com os quais eu estou pessoalmente familiarizado. Eu os extraí principalmente da síntese magistral sobre o assunto realizada por Catherine R. Coulter em *Portraits of Homeopathic Medicines*.

Embora durante toda minha experiência inicial de ensino eu tenha descrito os tipos de carácter através de um comentário seqüencial de seus traços principais, desejei agora fundamentar minhas reflexões numa elaboração ulterior dessas listas de traços.¹⁴ Assim como naquele ensaio eu procurei representar esses "traços por trás dos traços" de uma maneira que refletissem seu interrelacionamento mútuo num padrão psicodinâmico, aqui, também, estou baseando minhas "reflexões psicodinâmicas" mais na consideração de traços, básicos hipotéticos e no seu interrelacionamento do que em descrições isoladas. Cada capítulo contém uma parte dedicada à análise dos traços na qual eu intercalei a descrição do carácter em função dos traços com uma discussão dos motivos subjacentes e ligações psicodinâmicas entre os traços, bem como uma explicação detalhada da visão tradicional no sentido de que *no centro de cada carácter existe – numa relação recíproca um com o outro – uma forma de motivação de deficiência e um erro cognitivo*.¹⁵

A visão geral oferecida pela literatura psicológica e psiquiátrica é auto-explanatória, e talvez eu precise apenas dizer aqui que me concentrei num material descritivo (em detrimento do especulativo), e que para cada um dos tipos de personalidade descritos pelo eneagrama encontrei uma documentação apropriada – embora um deles esteja surpreendentemente ausente no hoje amplamente utilizado DSM III, e outro seja insatisfatoriamente representado em seu repertório de distúrbios da personalidade. Um

¹⁴ Como já explorei em meu ensaio "On Puritanical Character", no qual realizei um agrupamento conceitual dos traços observados num carácter a fim de concluir melhor por hipótese os traços subjacentes, fundamentais. (Em *American Journal of Psychoanalysis*, Vol 42, nº 2, Nova York: Agathon Press, 1982).

¹⁵ A noção de "os pecados capitais" encontra-se na natureza de ambas as paixões, e idéias destrutivas já podem ser encontradas na primeira pessoa que escreveu sobre o assunto, Evagrius Ponticus, no século IV.

projeto que se desenvolveu enquanto eu produzia este livro foi uma explicação sistemática da correspondência dos tipos do eneagrama com os tipos psicológicos da tipologia junguiana (os oito tipos da observação original de Jung e a descrição de pessoas que tipicamente respondem a questionários baseados nos conceitos de Jung).

Eu originalmente imaginei que iria excluir uma consideração etiológica do atual volume e deixá-la para uma futura publicação, levando em consideração o fato de que uma grande proporção de meus abundantes registros demonstra ser, por razões técnicas, extremamente difícil de transcrever e que eu estou longe de ter analisado os dados de auto-relato neles contidos. Espero que meus registros insatisfatórios possam ser até certo ponto compensados pelo fato de eu ter escutado, por ano, a história da vida de cerca de duzentas pessoas nos últimos dez anos. Talvez eu devesse me desculpar por não tentar discutir o vasto corpo de especulação psicanalítica relacionado com o assunto. Meu limitado interesse em fazer isso é não apenas função de tarefas de vida competitivas, mas também da minha conformidade com a idéia de Peterfreund de que as perspectivas psicanalíticas da infância são "adultomórficas".¹⁶

Uma vez concluído, o original incluía uma revisão dos tipos de personalidade na forma especial de literatura dedicada à descrição do caráter antes do surgimento da psicologia científica e ainda nos nossos dias. Entretanto, depois de Kösel Verlag (o editor alemão) ter insistido numa simplificação do livro, eu também simplifiquei a versão em inglês, e destinei meus diagnósticos e comentários retrospectivos sobre Teofrasto, La Bruyère, et al. A futuras publicações.

A ênfase tradicional na idéia de que um erro cognitivo constitui a parte essencial da personalidade na tradição oral do Oriente Médio precede e condiz com a crescente atenção com relação a um foco cognitivo na psicologia contemporânea – através do trabalho de pessoas como George Klein e Shapiro, Ellis e Beck. A partir de uma convicção pessoal a respeito da importância do domínio cognitivo, prestei uma atenção especial ao assunto dos mecanismos de defesa (i.e., as maneiras seletivas de sustentar a inconsciência) que podem ser considerados interdependentes com relação aos estilos interpessoais, bem como à busca de uma formulação cognitiva da própria estratégia interpessoal. Afirmo também que cada caráter acarreta uma "ilusão metafísica" particular: uma suposição errada com relação ao Ser – ou, mais precisamente, com relação à possibilidade ou *promessa* do Ser, como será visto.

Além das ligações psicodinâmicas salientadas em cada capítulo entre "paixão governante", estratégia fundamental e outras estruturas, descrevo em sucessivos intervalos uma interpretação existencial do caráter e, através disso, uma teoria da neurose como uma busca e perda do Ser.

Discutirei neste livro o tema das *ilusões* associado à questão do "obscurecimento ôntico":¹⁷ como a "insuficiência do Ser" é vivenciada em cada um dos "infernos psicológicos", como o indivíduo é responsável pela sustentação dessa insuficiência, e como a perda do *ser* é, em cada caso, sustentada por uma sede mal orientada pelo *ser*, que procura seu objeto não no ser mas na aparência: a saber, não onde ele pode ser encontrado, e sim onde se acredita que ele esteja em vista de uma substituição auto-ilusiva, uma miragem, uma ilusão, uma armadilha e uma laçada num nó. Pois:

¹⁶ Peterfreund, E., *International Journal of Psychoanalysis*, 1978, 59, p. 427-441.

¹⁷ Uma questão semelhante mas talvez mais ampla do que a referida por R. D. Laing através da expressão "insegurança ôntica".

a personalidade condicionada conduz à interferência
do organismo,
a interferência do organismo causa a perda da
experiência do ser,
a perda da experiência do ser gera as ilusões,
as "paixões"
e a perpetuação da personalidade condicionada;
e assim por diante.

Ao realizar esta última análise, segui a orientação de Guntrip¹⁸, que postulou que, assim como a camada psicótica de interpretação kleiniana fundamenta a psicodinâmica propriamente dita (na qual a libido é a interpretação original), devemos procurar uma camada "winnicotiana" ou existencial mais profunda que reconheça a "perda do eu" ou a "fraqueza do ego" como uma camada mais profunda do que a libido oral, anal e genital (i.e., biológica).

Guntrip declara que quando mostrou a Fairbairn, em 1957, seu primeiro rascunho do ensaio "On Ego Weakness", Fairbairn disse: "Estou contente por você ter escrito isto. Se eu pudesse escrever agora, este é o problema que eu estaria abordando." Não obstante, a saúde de Fairbairn não permitiu que ele pudesse explorar plenamente, como desejava, a declaração de um paciente: "Cheguei ao fundo do abismo onde sinto que não tenho nenhum ego." Ao demonstrar que toda a psicopatologia se apóia no esqueleto de uma estrutura de caráter particular e que cada caráter é animado por um motivo "passional" específico, e ao afirmar que as nove paixões constituem o mesmo número de maneiras de buscar o Ser (interdependentes com o mesmo número de ilusões relativas ao Ser) que perpetuam o obscurecimento ôntico, sinto que realizei o sonho de Fairbairn.

É através da exploração de uma perda do ser ou do eu como a essência do caráter que vi o livro se desenvolver além de um tratado compacto sobre tipos de caráter e se transformar no desenvolvimento de um princípio abrangente. A alegação de que toda psicopatologia acarreta um "vácuo existencial", um obscurecimento do ser, no qual ele é sustentado e ao qual ele também sustenta, gera um óbvio corolário: a qualidade inseparável do processo de iluminação da cura dos nossos males interpessoais.

Na primeira vez que dei um título a este livro, quando o estava ditando, eu o chamei de *Character-structure and Dynamics (in Light of the Enneagram of the Sarmouni)*. Depois de terminá-lo, porém, julguei apropriado mudar a primeira parte do título para *Character and Neurosis*, vista que ele é permeado pela idéia de que *a essência da neurose é caracterológica* e, portanto, uma teoria abrangente do caráter implica necessariamente uma teoria da neurose. Conseqüentemente, acredito que, ao explicar detalhadamente a estrutura e a dinâmica dos componentes básicos do caráter humano, abordei (descritiva, dinâmica e existencialmente) toda a gama dos estilos neuróticos.

É desnecessário dizer que discordo daqueles que continuam a considerar as patologias de caráter como complicações, e concordo totalmente com a afirmação de Wilhelm Reich de que o caráter constitui o modo fundamental de defesa. Encontro uma expressão extremamente eloqüente da minha convicção pessoal na seguinte declaração de

¹⁸ Guntrip, Harry, em *Schizoid Phenomena, Object Relations and the Self* (Nova York: International Universities Press, Inc., 1969).

Horney: ¹⁹ “Uma mudança de ênfase teve lugar no conceito psicanalítico das neuroses: enquanto originalmente o interesse se concentrava na dramática imagem sintomática, hoje em dia percebe-se cada vez mais que a verdadeira origem desses distúrbios psíquicos repousa nas perturbações de caráter, que os sintomas são um resultado visível de traços conflitantes de caráter, e que sem revelar e corrigir a estrutura neurótica do caráter não podemos curar uma neurose. Ao analisar esses traços de caráter, somos atingidos, num grande número de casos, pela observação de que, num acentuado contraste com a divergência das imagens sintomáticas, as dificuldades de caráter se concentram invariavelmente nos mesmos conflitos básicos.”

Nas últimas semanas tive o prazer de ver essa atitude imitada por David Shapiro em seu recente livro *Psychotherapy of Neurotic Character*, onde ele diz:²⁰ “Quero dizer com esse termo que a neurose não consiste em um conflito nuclear dentro da pessoa – como entre um impulso e uma defesa inconsciente particular – e sim de uma distorção de toda a personalidade. A neurose consiste em certas maneiras restritivas e geradoras de conflito nas quais trabalha a personalidade... certas maneiras pelas quais, como mencionei anteriormente, a personalidade reage contra si mesma. Empreguei o termo estilo neurótico no mesmo sentido. A partir deste ponto de vista, as antigas distinções entre “neurose do sintoma” e “distúrbio de caráter” desaparecem; toda a neurose é caracterológica.”

Dei comigo dirigindo-me a três audiências enquanto ditava os capítulos deste livro.

Inicialmente, a audiência que eu tinha basicamente em mente quando incubei o projeto, quando visualizei o livro como um processo dirigido de auto-*insight* através de controle remoto e uma extensão do tipo de trabalho que fiz com os grupos. Para esses leitores, escrevi um capítulo adicional com sugestões de como utilizar posteriormente as informações contidas no livro.

Em segundo lugar, enquanto ditava o livro, dei comigo dirigindo-me, com um interesse especial, a estudantes da personalidade com uma inclinação teórica; em terceiro lugar, a psicoterapeutas. Procurei conciliar o conflito decorrente do fato de eu me dirigir ao mesmo tempo a leigos e especialistas de uma maneira semelhante à que eu faria se falasse com ambos numa mesma sala, procurando principalmente não me tornar excessivamente “acadêmico”, evitando o uso de um jargão e – faço isso agora – pedindo aos meus leitores leigos que sejam pacientes se algumas das minhas citações e referências bibliográficas não lhes interessarem. Ao me colocar diante do produto quase terminado, sinto a satisfação de prever que ele será ao mesmo tempo interessante e gratificante para seus leitores e que, através deles, o livro poderá contribuir para um entendimento generalizado do declínio do homem num momento em que precisamos penosamente dele.

¹⁹ Horney, Karen, *Neurosis and Human Growth* (Nova York: W. W. Norton & Co., 1990).

²⁰ Shapiro, David, *Psychotherapy of Neurotic Character* (New York: Basic Books, 1989).